

O manejo da dor de difícil controle na oncologia pediátrica: a experiência de residentes de enfermagem um relato de caso

Larissa C. Saletti¹; Maria Eduarda Soares de Carvalho¹; Fernanda Alves Gomes Bastos¹; Débora Montezello²; Fernanda Ribeiro de Araujo Oliveira².

¹Universidade Federal de São Paulo, São Paulo – SP.

²Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer, São Paulo – SP.

E-mail para contato: larissa.saletti@unifesp.br

Introdução

Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) caracteriza a dor como:

uma experiência sensorial e emocional desagradável, individual e subjetiva

Diante da subjetividade da expressão do 5º sinal vital, é notável a necessidade de treinamento contínuo sobre:



Literatura

A dor descrita como 5º sinal vital



Prática

A carência da conscientização dos profissionais quanto à adequação terapêutica

Tendência da equipe a subestimar a dor da criança

Percebe-se que há

Dessensibilização dos profissionais quanto a dor

Podendo ser decorrente

Falta de compreensão da doença e do tratamento

Exaustão devido ao ambiente ou condições de trabalho

Necessidade de visualização de expressões sugestivas de dor

Dor oncológica

Dor decorrente do tumor e dos tratamentos

● Variação de leve a severa.

● Duração por longos períodos ou serem persistentes.

● Saída do meio social e transição para a rotina também gera dor e sofrimento

Menor interação com outras crianças e com os familiares/colegas.

Discussão

Impotência do Paciente

Dor crônica de difícil controle

desencadeada pela necessidade recorrente de uso de analgésicos e opióides por tempo prolongado

Tristeza
Falta de Esperança

Percepção

Impotência da Equipe

Já por parte da equipe há uma divergência de visões:

Busca por medidas alternativas do manejo da dor para melhora da qualidade de vida.

Descreção dos relatos de dor dos pacientes e a crença de que estão dependendo dos fármacos.

Considerações finais

- Necessidade de sensibilização dos profissionais;
- Preparo do enfermeiro para avaliação da dor e da resposta terapêutica, manejo e reorganização do esquema analgésico, ajuste de atitudes e expectativas sobre o tratamento não só do paciente, mas também de sua equipe.

O desafio se encontra, principalmente, na promoção da mudança dentro de um contexto complexo em que o cuidador também necessita de cuidado e aprimoramentos.

Definição de dor revisada após quatro décadas. BrJP, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 1-3, jul.-set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/25950118.20200191>. Acesso em: 21 mai. 2024

MENOSSE, M. J. A complexidade da dor da criança e do adolescente com câncer hospitalizados e as múltiplas dimensões do seu cuidar. Biblioteca Virtual de Teses e Dissertações da Universidade São Paulo. São Paulo, 140 p. ago.2004. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-16082004-143543/pt-br.php.> Acesso em 16. mai. 2024